

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
BACHARELADO PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

A DOR PSÍQUICA NO *ETHOS* NEOLIBERAL

2023

RESUMO

O *ethos* neoliberal influencia todos os aspectos da vida individual, molda a sociedade de maneira disciplinadora, conforme conceituado por Foucault em duas tecnologias de poder distintas. Uma delas focaliza o corpo, gerando efeitos individualizantes ao manipular o corpo como centro de forças a serem controladas. A outra tecnologia concentra-se na vida em geral, agrupando os efeitos de massa característicos de uma população. Nesse modo, a sociedade torna-se paliativa, como observado por Byung-Chul Han, retratando o indivíduo como autogerenciável e suprimindo expressões de dor associadas à fraqueza moral. O capitalismo tardio promove a supressão da dor por meio da medicalização, incentivando uma psicologia positiva que anestesia, impondo a felicidade e restringindo a negatividade. Isso resulta em sofrimento reprimido e auto culpabilizante, impedindo a compreensão do papel individual na história. Portanto, o estudo busca compreender a interpretação da dor psíquica no contexto neoliberal, destacando sua legitimidade e estabelecendo bases para uma psicologia emancipatória. Com a visão crítica de Martín-Baró, responsável pela Psicologia da Libertação, a dor psíquica é vista como um fenômeno decorrente da opressão sistêmica na sociedade industrial, explicando o estado constante de anestesia na configuração social contemporânea. A pesquisa fundamenta-se na revisão literária explorando conceitos foucaultianos de biopoder, a sociedade do cansaço de Byung-Chul Han e a psicologia da libertação de Ignacio Martín-Baró.

Palavras-Chave: Psicologia, Neoliberalismo, Sofrimento Psíquico, Dor, Psicologia da Libertação.

Ana Luiza Alves BEZERRA¹

Dra Karina Carvalho Veras de SOUZA²

¹ Graduanda de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

² Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

1. INTRODUÇÃO

A ideologia neoliberal permeia todos os aspectos da vida individual, transformando a sociedade de uma forma disciplinadora, como descrito por Foucault através de duas tecnologias de poder:

Uma técnica que é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população. (FOUCAULT, 1999, p. 297).

Seguindo assim, à uma sociedade paliativa, conforme observado pelo filósofo coreano Byung-Chul Han, nesse contexto social, o indivíduo é retratado como uma entidade autogerenciável, suprimindo qualquer expressão de dor, visto que esta está associada diretamente à fraqueza moral, impedindo a experiência da catarse. Desse modo, a abordagem do capitalismo tardio enaltece que a dor deve ser suprimida por meio da medicalização para otimizar o desempenho individual. Logo, isso abre espaço para o desenvolvimento de uma psicologia positiva que exerce um efeito anestésico, impondo o imperativo da felicidade e restringindo a negatividade, causando assim, um sofrimento reprimido e auto culpabilizante, sem a realização da purificação através da dor, e com isso, impedindo a compreensão do indivíduo sobre seu papel como protagonista na história.

Portanto, este estudo busca compreender como a dor psíquica é interpretada no contexto neoliberal, enfatizando o caráter legítimo da dor e com o propósito de estabelecer fundamentos para uma psicologia que liberte os indivíduos das estruturas opressivas responsáveis por esse cenário, reconhecendo a legitimidade da dor através do entendimento acerca da sociedade paliativa e seus desdobramentos, a fim de demonstrar o papel da psicologia em face da estrutura neoliberal que abarca todos os sentidos da vida do sujeito. Assim, através da visão crítica de Martín-Baró, psicólogo salvadorenho responsável pela idealização da Psicologia da Libertação, compreende-se a lógica da dor psíquica como um fenômeno resultante da opressão sistêmica na sociedade industrial. Dessa forma, é concebida a origem do constante estado de anestesia presente na configuração social contemporânea.

A pesquisa se fundamenta em uma revisão literária qualitativa, realizada entre fevereiro e outubro de 2023. A análise envolveu a busca por artigos nas bases de dados

do Google Acadêmico e CAPES, empregando conhecimentos da psicologia social crítica com base nos conceitos foucaultianos de biopoder, perpassando pela sociedade do cansaço de Byung-Chul Han e por fim, a perspectiva da psicologia da libertação de Ignacio Martín-Baró.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A dor como forma de dominação

A dor é uma formação cultural complexa, seu significado na sociedade está totalmente atrelado às formas de dominação. Diferenciar entre dor e sofrimento envolve a compreensão da dor como algo fundamental, a sensação em si mesma, a essência. Por outro lado, o sofrimento refere-se à maneira como o indivíduo lida com a dor, sendo a expressão aparente dessa sensação percebida. Portanto, a dor é a experiência essencial, enquanto o sofrimento é a manifestação ou forma como o indivíduo processa e elabora essa dor através da cultura. A princípio, de acordo com o filósofo Byung-Chul Han (2021), a sociedade pré-moderna do martírio possui uma relação interior com a dor, uma vez que sua forma de poder se dá através de santuários de dor, ou seja, a dor serve como meio de dominação por intermédio do mártir, assim, a encenação ostensiva da dor estabiliza a dominação. “Corpos martirizados são a insígnia do poder.” (Han, 2021, p. 21).

Por seguinte, na passagem do martírio para a sociedade disciplinar, a dor se transforma. De acordo com Foucault, houve uma descoberta da percepção do corpo como alvo e objeto do poder, logo, o mesmo passa a ser modelado, treinado e manipulado, dessa maneira, torna-se hábil ao mesmo tempo em que pode ser submetido, utilizado, transformado e aprimorado. Com isso, ocorreu uma fabricação de corpos dominantes de forma discreta, segundo Byung-Chul Han:

Desaparece o corpo como alvo principal de repressão punitiva. Corpos martirizados não têm mais lugar na sociedade disciplinar, que está direcionada à produção industrial. O poder disciplinar fabrica corpos disciplinados como meios de produção. Também a dor é integrada à técnica disciplinar. (HAN, 2021, p. 22)

Dessa maneira, na sociedade disciplinar, a dor continua desempenhando uma função construtiva, uma vez que ela molda o indivíduo como meio de produção. Isso ocorre ao deslocar a experiência da dor para espaços disciplinares como prisões, quartéis,

sanatórios, fábricas ou escolas. Assim, o corpo é exigido através da disciplina, buscando a obediência das regras estabelecidas pelas instituições responsáveis pela estrutura de poder, as quais demarcam e regulamentam a sociedade moderna. O corpo se torna algo treinado para ser algo útil e funcional.

2.2 A sociedade paliativa

No neoliberalismo, o modelo político-econômico se baseia na disseminação do modelo empresarial, sendo este implementado não apenas pelo governo, mas também nas instituições e na vida privada de cada indivíduo. Desse modo, neoliberalismo é compreendido como um novo modo de governar a população, surgindo a partir da crise da governamentalidade liberal e tendo como princípio fundamental a ampliação da concorrência. Ao considerarmos o modo de governo como o modo de guiar as condutas, questionamos as condições que possibilitaram a associação entre o sujeito e a empresa, influenciada pela lógica neoliberal.

Portanto, o neoliberalismo representa um modelo de gestão social que, por meio de seus dispositivos, configura uma racionalidade capaz de reestruturar a vida social de maneira que engloba, afetando a subjetividade, identidades e até mesmo as formas de sofrimento na contemporaneidade. Sobre a sociedade do desempenho neoliberal, Han descreve:

Negatividades como mandatos, proibições ou punições dão lugar a positivities como motivação e auto-otimização ou autorrealização. Espaços disciplinares são substituídos por zonas de bem-estar. A dor perde toda a relação com o poder e com a dominação. Ela é despolitizada em uma circunstância médica. *Seja feliz* é a nova forma da dominação. (HAN, 2021, p. 26).

Nesse cenário, o setor privado e público não possui mais distinção, desempenhando um papel conjunto. O modelo indivíduo-empresa, revela-se o valor de mercado atribuído às vidas, estabelecendo uma conexão baseada na constante ameaça de desamparo individual. Esse imperativo gera o surgimento do "empresário de si", um trabalhador que se dedica incansavelmente com paixão na busca por metas inalcançáveis ou indefiníveis, assumindo para si essas responsabilidades. Logo, o que antes resultava em doenças físicas agora se manifesta para Han (2015) como uma sociedade do cansaço decorrente da exaustão, refletindo assim, no aumento de novas psicopatologias.

Assim, o sujeito do desempenho se encontra mais livre da exploração externa, sendo, paradoxalmente, mais submisso a si mesmo. Isso o diferencia do sujeito da sociedade disciplinar, caracterizado pela obediência e silenciamento. Nesse novo contexto, a distinção entre dominador e dominado desaparece, transformando a resistência de períodos históricos anteriores em resiliência. Surge assim, a privatização do sujeito através de uma forma do empreendedorismo de si.

Diante disso, toda dor sentida é vista como desprovida de sentido, dando origem à perspectiva da psicologia positiva, que a encara como uma chance de crescimento. Isso resulta em uma anestesia social permanente através da medicalização, impedindo a reflexão e o conhecimento que apenas o sofrimento oportuniza. “A psicologia positiva sela o fim da revolução. Não revolucionários, mas treinadores de motivação tomam o palco e cuidam para que não surja nenhum descontentamento, nenhuma raiva.” (Han, 2021, p. 28). Assim, a implementação do mecanismo da felicidade torna o indivíduo inviável em sua dimensão coletiva, resultando na despolitização e na propensão à depressão, em vez de promover um estado de revolução.

2.3 A psicologia em face do *ethos* neoliberal

No contexto de despolitização do sofrimento e sua atenuação por meio da medicalização, torna-se necessária a importância dos contextos sociais que o neoliberalismo privatiza. Dessa forma, Han (2021) afirma que o fermento da revolução é a dor sentida em comum, sendo assim, essencial a emancipação do sujeito a fim de enxergar a dimensão social da dor. Logo, a única reflexão conclusiva viável seria indagar constantemente sobre como moldamos nossa maneira de existir, a quem essa conduta beneficia, quais os impactos sociais e individuais que ela gera, mas principalmente responder às perguntas: se o ser humano está entregue ao seu próprio destino, qual é o propósito do Estado? Dessa forma, Ignacio-Martín Baró, psicólogo salvadorenho que contribuiu para a psicologia latino-americana acerca de processos históricos de libertação, propôs uma psicologia comprometida com as dores, batalhas e aspirações das camadas populares. Seu objetivo era desenvolver uma psicologia social crítica, que partisse dos problemas sociais antes de alcançar um conhecimento teórico significativo, gerando uma reflexão do fazer do psicólogo diante sua relação com as

instâncias de poder dominante, colocando-os a serviço de processos de mudança social.

Portanto, é a própria realidade social que determina a relevância das teorias para a compreensão e transformação desse contexto social. Martín-Baró destaca a necessidade de considerar os limites do avanço da consciência, os quais também são impostos pela realidade, devido à determinação dialética entre objetividade e subjetividade. Nesse sentido, o progresso da conscientização tem como eixo central o processo de transformação da realidade, pois, à medida que as relações entre os indivíduos e o mundo se transformam, também se alteram as formas de compreender a realidade, como compreendido pela práxis. Dessa forma, indo contra a corrente hegemônica que produz dependência, passividade e individualismo.

Assim, Martín-Baró afirma:

[...] que a Psicologia descentrasse a sua atenção de si mesma, de seu status científico e social, para se dedicar, eficazmente, a atender os problemas dilacerantes das maiorias populares latino-americanas; que procurasse uma nova forma de buscar a verdade nas próprias maiorias populares; e que iniciasse uma nova práxis psicológica que, ao contribuir para a transformação do homem e da sociedade latino-americanos, nos permitisse conhecer alguém não somente por aquilo que de fato é, mas também pela sua negatividade, isto é, em todas aquelas potencialidades negadas pelos ordenamentos sociais atuais. (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 212)

Dessa forma, o autor estabelece critérios para a formação de um fazer psicológico emancipatório da hegemonia, ou seja, um fazer desideologizador que “desmascara o senso comum alienador que acoberta os obstáculos e objetivos ao desenvolvimento da democracia” (Martín-Baró, 2017, p. 62) assumindo através do ponto de vista das maiorias oprimidas, desenvolvendo pesquisas sistemáticas acerca dessas maiorias e a utilização da forma dialética desse conhecimento através dos processos históricos de libertação popular.

Assim, visando realizar essa tarefa, o psicólogo em uma sociedade paliativa deve adotar uma postura condizente, conforme sugerido por Martín-Baró, através de um caráter de revolução, onde a qualidade de seu fazer está apoiado na profundidade de seu conhecimento e capacidade de responder novos problemas exigências, eximindo das estruturas de poder. Além disso, ser um bom psicólogo, parte da perspectiva do povo e suas organizações representativas, desse modo “a libertação e desalienação do indivíduo passa pela libertação e desalienação da sociedade” (Martín-Baró, 2017, p. 26).

Logo, é necessário o conhecimento do sujeito neoliberal acerca de seu poder protagonista de sua história a fim de alterar sua realidade anestesiada.

3. CONCLUSÃO

O artigo teve como proposta identificar, relacionar, apontar e debater acerca da compreensão do modo de como a dor psíquica é vista no universo neoliberalista. Logo, obtém-se um propósito de fornecer bases para uma psicologia libertadora dos alicerces da opressão a partir da compreensão do caráter legítimo da dor. Assim, é perceptível o surgimento de uma sociedade paliativa, caracterizada pelo excesso de positividade e aversão à dor. Assim, o dispositivo da felicidade distrai o sujeito através da instauração da introspecção, conduzindo-o à despolitização onde o indivíduo não possui consciência de sua submissão. Tal processo anestesiante impossibilita a elaboração crítica das relações sociais. Com isso, a culpa se torna um sentimento privado e, como desdobramento, surge a medicalização excessiva como fuga à dor. Consequentemente, nosso vigente quadro: uma sociedade anestesiada.

Portanto, é necessária uma visão libertadora da psicologia acerca do imperativo da felicidade excessiva gerada pelo neoliberalismo, que costuma submeter a psicologia a uma lógica do desempenho através de sua aversão ao sofrimento por meio do estado de bem-estar propiciado pela medicalização. O constante estado de bem-estar induzido pela medicalização do sofrimento torna a dor desprovida de sentido, conduzindo a um sofrimento social privatizado. Desse modo, urge a necessidade da reflexão sobre o neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Damiana Bezerra. CORPO, DISCIPLINA E RESISTÊNCIA E MICHEL FOUCAULT, João Pessoa, out 2017.

CORRÊA, L. H. A violência sistêmica e autoexplorativa do empresário de si: o paradoxo da liberdade no ethos neoliberal e o conseqüente adoecimento psíquico na sociedade

do cansaço. Revista Espaço Acadêmico, v. 19, n. 216, p. 63-74, 4 jul. 2019.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRINHA, Isabella M.N.; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. Rev. Adm. Pública 44 (2). Santa Catarina, abr. 2010.

HAN, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

LIMA MELO, T. C.; ALMEIDA, M. da S.; ALMEIDA, R. da S.; SILVA, D. S. da; CRISPIN, M. S. da S. A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO COMUNITÁRIO A PARTIR DA PSICOLOGIA DA LIBERTAÇÃO. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 97–112, 2015.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Para Uma Psicologia da Libertação. In: GUIZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. (Orgs.). Psicologia Social Para a América Latina: O Resgate da Psicologia da Libertação. Campinas: Alínea, 2009.